

AÇÃO DIRETA

FUNDADO PELO PROF. JOSÉ OITICICA EM 1946

LUTAMOS CONTRA TODAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR\$ 3,00
Assinatura anual Cr\$ 50,00

A FEIRA ELEITORAL LUTA CONTRA O SALAZARISMO

AS MANOBRAS DA POLITICAGEM E O "DOMÍNIO" DAS MASSAS

Quando os políticos estão na oposição, dispõem tesouros de "boa vontade" em favor de elevados princípios e da moral. Denunciam, com veemência, a hipocrisia dos senhores do momento e a abjeção daqueles que os sustentam. A dar-lhes crédito, preferiam eles fazer-se cortar em pedacinhos a admitir a mais leve torção nos supremos direitos das multidões. Sonham, apenas, com o desabrochar da liberdade, da igualdade, da fraternidade...

Após a subida ao poder, muda a linguagem. Denunciam, então, os "elementos perturbadores" que ousam manifestar maus sentimentos em face da ordem estabelecida. Se estes gritam um pouco mais alto, ameaçam-nos de prisão. Concedem um crédito aos abjetos personagens que ontem denunciavam e chamam-nos "bons servidores" da pátria.

De MAURICE IMBARD

Este giro de prestidigitação tornou-se clássico. Dá sempre certo. E as multidões eleitorais participam do jogo, como de uma corrida ou de uma loteria, sem muito se espantarem de ver saltar uma bola negra, quando punham as suas esperanças na vermelha, ou vice-versa.

Os partidos, quaisquer que eles sejam, não fogem à regra. Acabam todos por utilizar a violência, a coação, a mais hipócrita duplicidade para perpetuar-se no poder. Encontram as mais sedutoras razões para justificar o culto do Estado forte. Chegam a proclamar, como única lei moral, o respeito da autoridade — a deles —, a afirmar a inviolabilidade de tudo que combatiam antes da sua chegada ao poder.

Após tantas experiências repetidas, não compreendo que seja possível, hoje, evocar, sem se perturbar, esta tirada do famoso caixeiro-viajante em democracia, León Gambetta: "Vêde bem que podeis influir na administração, nas finanças, nos funcionários, nas leis, em tudo, enfim, por meio desse quadrado de papel, porque, no dia, em que votardes, governareis; no dia em que votardes, sereis os senhores..."

Os senhores? Escárneo! A História tem-nos mostrado como se atiram facilmente esses "senhores" às fronteiras, como deles fazem farrapos e como se ridiculariza a sua ridícula soberania em todos os carnavais da paz ou da guerra!

O que salva um pouco esta pobre humanidade, é serem os governantes de carne e osso como todo o mundo. Não são forçosamente nenhuns poços de inteligência. Porque se deixem, a miúdo, levar pelas lisonjas interessadas dos seus aduladores, acabam por crer que são deuses. É, então, que ultrapassam os limites e provocam, eles mesmos, a catástrofe que os arrasta lamentavelmente.

Mas, as multidões acolhem, entusiasticamente, as calorosas imposturas. Um farcista despencado do alto de uma cabriola arriscadíssima, e logo o bom do povo desincumbem-se de lhe dar sucessor. Escolhe, naturalmente, aquele que tem mais verve, que tem a claque mais bem organizada, e que soube mostrar vivacidade na elaboração de um programa que deva contentar todo o mundo, sem nada exigir de ninguém. Fala-se muito, hoje, em certas esferas, da filosofia de Walter Lippmann. Este descobriu que o problema fundamental da democracia era o dos limites do poder popular.

"Quando a opinião da massa — diz ele — domina o governo, produz-se uma súbita alteração das funções do poder, um enfraquecimento, que pode ir até a paralisação da capacidade de governar. Esta ruptura é a causa do declínio catastrófico e precipitado da sociedade ocidental. Se este processo não fôr sustado ou invertido, será o

desastre para o Ocidente."

Parece-nos que Walter Lippmann faz estranha confusão. Se é exato que os governantes devem, por vezes, levar em conta os preconceitos ou a opinião da massa, é ainda bem mais exato que, quase sempre, deles se servem, e que dirigem, controlam, quando não fabricam a opinião que a massa possa ter. É preciso ser singularmente cego, para pretender que a massa tenha governado em qualquer parte ou exercido verdadeiro domínio sobre os seus governantes. Trazem-na hábilmente nesta ilusão, mas, basta examinar a política destes últimos anos, para verificar o profundo escárneo.

Walter Lippmann escreveu algures: "Sendo os postos de governo sensíveis à veemência e às paixões da massa, não se sentem seguros os homens públicos. Os políticos democratas sabem que, raramente, se poderão dar ao luxo de dizer toda a verdade ao povo... Não conseguem progredir, em política, senão à força de adoçar, de seduzir, de mistificar, de manobrar, para ter o apoio dos elementos mais exigentes ou mais perigosos do seu eleitorado. Esta desvitalização do poder governamental é a doença dos Estados democráticos."

Este trecho opõe-se evidentemente ao primeiro. É inútil insistir para mostrar como é extravagante a idéia de que a massa, torturada em todos os sentidos, possa realmente exercer um domínio qualquer neste clima de lógro, de mentira, de venalidade.

O famoso poder do povo é cousa minúscula em face dos interesses que determinam os governos. A sua vontade pesa tão pouco na balança do destino, que ele tem a guerra, quando anseia pela paz, tem a miséria, quando sonha com a prosperidade, tem a tirania e a impostura, no momento mesmo em que acabou de aclamar a luz e a liberdade.

Todavia, incorrigível, esse infeliz povo espera sempre a sua salvação, dos "pequenos quadrados de papel", dos messias e dos salvadores profissionais.

Os economistas burgueses se lamentam que exista excesso de produção e falam de armazéns abarrotados, esquecendo-se que os trabalhadores carecem de tudo. Em realidade não há excesso de produção, porém limitação de consumo. — DOMELA NILUWENHUIS.

.....

É quasi inútil que tratemos de aliviar a sorte da criança, enquanto subsistir a propriedade privada que torce a felicidade humana e produz a exploração, a tirania, a degeneração e a ignorância. — OTTO NIEMANN.

.....

O deus milhão não digere sem guilhotina de sentinela. — GUERRA JUNQUEIRO.

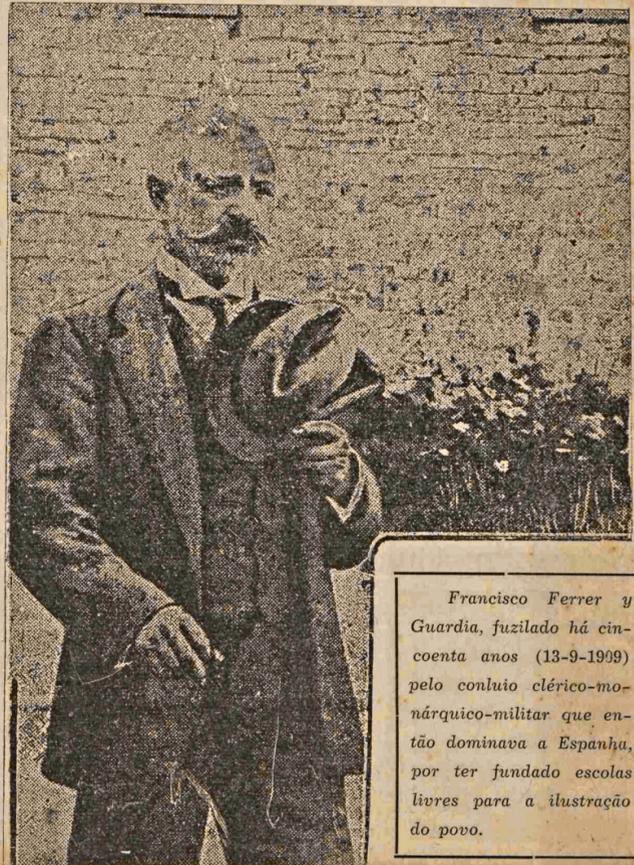
AÇÃO DIRETA, porta-voz do movimento libertário no Brasil, que, desde 1946, fiel aos princípios ácratas, vem pugando por um mundo livre de toda tirania, tem, a partir do primeiro instante, dado a sua irrestrita solidariedade aos revolucionários que, com sacrifício da sua vida e da sua liberdade, lutam por emancipar Portugal do afrontoso jugo da ditadura clérigo-fascista de Salazar.

A luta dos anarquistas contra o regime do monge de Santa Comba é anterior e de objetivos mais vastos do que a dos políticos de todas as tendências e apresenta um número de mártires maior do que o de todos aqueles. Enquanto os demais lutam pela simples substituição da ditadura de Salazar por uma nova tirania, a tirania da sua corrente política (todo governo do homem pelo homem é tirania), nós, anarquistas, lutamos pela abolição pura e simples de toda autoridade, de todo governo, e, pois, pela instauração, em Portugal e em todo o mundo, de um regime em que os produtores de todas as categorias administrem, por livre acôrdo, através de cooperativas, comunas, coletividades livres, os seus interesses, regulando a sua vida sem a intervenção málsã e desumana do Estado, sempre e necessariamente despótico, e dos seus infalíveis, fatais e indispensáveis aliados, o Capitalismo e a Igreja ou Igrejas.

Na recente e vitoriosa campanha para salvar as garras de Salazar o general Humberto Delgado, candidato das forças da Oposição à presidência da República Portuguesa, houve colaboração anarquista com a União Nacional dos Estudantes e com a Associação General Humberto Delgado. Fizem-no, não por tratar-se de um general ou de um candidato à presidência da República, mas tão somente por tratar-se de um homem que, embora tendo ajudado a firmar-se o atual regime português, um dia, decepcionado com este mesmo regime, teve a coragem de desfaldar a bandeira da rebeldia contra Salazar e o seu governo de violências, sangue e corrupção desenfreada, o que lhe valeu despertar contra si as iras dos rafeiros da PIDE.

É óbvio que não somos tão ingênuos que esperemos que, se amanhã, tomar posse do cargo de presidente da República Portuguesa, o general Humberto Delgado impante, em Portugal, a Anarquia, ou seja o regime superior de ordem, de liberdade e de felicidade para todos, pelo qual lutamos intransigentemente. Sabemos, porém, que na atual conjuntura a nenhuma corrente ideológica é possível conduzir, sôzinha, por mais forte que seja, a luta até à vitória final contra o mastodôntico Estado totalitário moderno, armado até os dentes e servido por uma rede invisível de delação. E porisso aceitamos a coincidência dos nossos esforços com os de todos aqueles que lutam para derrubar o oprobioso regime que assfixia há trinta e três anos o povo português. Visamos, ao proceder assim, ajudar a abrir aquele povo novas perspectivas e novos caminhos de liberdade, já que hoje, em Portugal, sob o tacão da ditadura, são interditos ao povo todos os processos que permitam ao mesmo povo preparar-se para uma era de auto-governo, ou seja para a Anarquia.

A nossa colaboração, porém, não implica hipoteca sobre o futuro, nem sacrifício dos nossos princípios ideológicos. Restringe-se ao momento que passa, ao objetivo limitado da derrubada do fascismo, sem traição dos nossos pontos-de-vista ideais, nem compromissos de governo com as tendências estatísticas. Enquanto os objetivos destas se resumem em deitar abaixo o Estado Novo ou fascista (o que, reconhecemos, é muito), nós, anarquistas, reservamo-nos o direito de, com as nossas mãos livres e a nossa consciência limpa, levar o mais longe que pudermos a revolução, até a meta final, que é a derrubada de toda Autoridade do homem sobre o seu semelhante, isto é, a derrubada do Estado e de seus irmãos gêmeos, a Igreja e o Capitalismo.



Francisco Ferrer y Guardia, fuzilado há cinquenta anos (13-9-1909) pelo conluio clérigo-monárquico-militar que então dominava a Espanha, por ter fundado escolas livres para a ilustração do povo.

O SENTIDO COOPERATIVISTA NAS RELAÇÕES HUMANAS

De P. FERREIRA DA SILVA

Pode-se verificar que há um sentido cooperativista nas relações humanas, tanto no tempo dos aglomerados primitivos como nas nações modernas. Uma inclinação natural que, insensivelmente, leva os homens à cooperação. O povo é conservador por índole e por conveniência, ou até por comodismo. Não no sentido reacionário, mas no sentido do apêgo às tradições. Estas ocupam lugar muito importante na família, nos meios rurais, na maneira de viver de vastas camadas proletárias. Representam um apêgo aos costumes e é pela força do hábito que se mantêm. Tudo que se faça dentro da tendência estabelecida, tem considerável vantagem sobre métodos novos capazes de provocar reação ou desconfinça. E o sentido cooperativista encontra-se dentro daquela tendência, porque nele reside a solidariedade natural inspirada no próprio instinto de conservação.

O mutirão ou muxirão consiste numa verdadeira ajuda mútua entre pequenos lavradores, auxílio que se prestam reciprocamente no tempo das plantações ou colheitas. Há o caso das terras comunais, propriedade do município ou da paróquia, florestas ou montes de pasto, que a população tem tradicionalmente o direito de usar. Outro exemplo do sentido cooperativista encontra-se na construção de edifícios de apartamentos em sistema de condomínio. Grupos de pretendentes à posse de um apartamento, constituindo no fundo verdadeira comunidade de famílias, associam-se, compram o terreno, juntam o seu dinheiro e formam o seu próprio condomínio, edificando o prédio sem a interferência de

qualquer empresa imobiliária.

A tendência associativa encontra-se muitas vezes ligada ao movimento de defesa econômica ou de previdência, em agrupamentos de bairro ou grupos de empresa, ou seja entre empregados de um estabelecimento ou organização industrial. Tomam esses grupos frequentemente a designação de caixas ou associações beneficentes, e visam a defesa econômica por meio da previdência e da solidariedade. Mas é também possível aproveitar neles o sentido cooperativista e dar-lhes melhor finalidade social.

O movimento associativo encontra-se fundamentalmente prejudicado pela organização sindical oficializada. Não havendo liberdade sindical, torna-se difícil reagir contra esse sistema. E por isso as cooperativas ainda mais se recomendam, pois além de corresponderem a um impulso natural, permitem outra espécie de associação, fora da órbita "trabalhista". Pelo menos enquanto houver liberdade de registro de associações civis, como há no caso das Caixas Beneficentes, cujo funcionamento legal não tem sofrido qualquer restrição. E se estas sociedades de empresa reunem poucos membros, os seus efeitos associativos podem completar-se ligando-as em federações. Essa é também a vantagem das cooperativas, nas quais há a possibilidade de adotar os estatutos mais convenientes e praticar a verdadeira solidariedade, sem exploração e sem lucros. É por meio delas que se pode fazer a arregimentação econômica para fins sociais.

Estudando as relações dos indivíduos, desde os tempos primitivos, é fácil notar que sempre houve entre eles uma necessidade de aproximação. É o espírito cooperativista, que veio a ser (Segue na 2a. pág.)

O APARECIMENTO DE AÇÃO DIRETA

Grande é o nosso constrangimento ao registrarmos a irregularidade com que, ultimamente, tem aparecido AÇÃO DIRETA.

Essa anomalia, naturalmente, independe de nossa vontade. Por três vezes, em breve espaço de tempo, o custo de sua confecção sofreu considerável aumento, obrigando-nos a mudar de tipografia.

Estamos providenciando no sentido de vencer as dificuldades surgidas, regularizando a publicação de AÇÃO DIRETA, justamente num momento em que o pronunciamento do movimento libertário se torna indispensável.

Contamos, para isso, com a indispensável cooperação dos companheiros e simpatizantes, de todos, enfim, que julgarem necessária a obra de AÇÃO DIRETA, cooperação essa que deve ser ativa na ajuda com contribuições, bem como no trabalho de divulgação do jornal, conseguindo assinantes e com a aquisição de pacotes para os distribuir entre amigos e pessoas interessadas no estudo da questão social.

Publicado com matéria preparada para número que, devido ao acima exposto, deixou de aparecer, não podemos ocupar-nos detalhadamente do sacrifício de Francisco Ferrer, cujo cinquentenário agora transcorre.

Centro de Cultura Social de S. Paulo

Com interrupção apenas nas datas destinadas às suas assembleias gerais, este Centro continua a realizar todos os sábados à noite, em sua sede, à rua Rubino de Oliveira, 85, conferências sobre os mais diversos temas: sociologia, artes, ciências, etc., tendo como oradores, médicos, professores, jornalistas, militantes do movimento social.

Gozando os oradores da mais absoluta liberdade de exposição, as conferências terminam sempre com proveitosas sabinas entre os assistentes e os oradores.

O SENTIDO COOPERATIVISTA NAS...

(Concl. da 1.ª Página)

aproveitado como se aproveita a eletricidade. Não se criou, não se inventou. A eletricidade existia, a obra do homem consistiu em descobri-la e inventar os meios de aplicação dessa força natural. Sucede o mesmo com o cooperativismo, força latente no indivíduo, sentido natural de sua orientação nas relações com os semelhantes. Os pioneiros do cooperativismo, se na realidade houve pioneiros, começaram simplesmente a descobrir a maneira de utilizá-lo para o bem comum. A necessidade dessa utilização é permanente e cria modos diversos de realizá-la.

A cooperação é, sem dúvida, uma consequência da própria necessidade de viver. São necessidades idênticas que originam a associação, a permuta de serviços, a conjugação de esforços para derrubar qualquer obstáculo, seja ele de natureza física, social ou econômica. É o sentido cooperativo, enfim, que domina os indivíduos e os torna capazes de superar quaisquer dificuldades. No reino animal, entre os seres chamados irracionais, encontram-se muitos exemplos de cooperação, o que prova estarmos diante de um hábito natural e instintivo. Na cooperação entre os homens, há também formas egoísticas usadas pelos próprios cooperadores e pelas empresas que os exploram. São os negócios de distribuição de bens por meio de sorteio. Cada membro contribui com determinada importância até que a sorte lhe entregue a mercadoria, sem estar inteiramente paga. Se não é sorteada, paga mais do que normalmente devia pagar, não só para que outro a receba quase de graça como para dar ao empresário o seu lucro. O mesmo acontece nas loterias. É a cooperação de uma maior

ULULO

Aí vem o herói. Motim. Entusiasmo. Vitória. Bocalissimamente o entroniza a canalha. E o inconsciente, o imbecil, nos enxurros da escória, A enfundar-se, lá vai, de retorno à batalha.

Pilhou. Roubou. Matou. Prostituiu. A oratória Celebra o vencedor e o vencido atassalha. A infâmia organizada, a ferro e a palmatória, A inocência castiga, a velhice metralha.

Horror. Execração. Gerais, militares, Fazeis que o homem, que é bom, se degrade e assassine. Da hiena e do chacal seis vós os avatares.

Herói, é só quem faz que a razão se ilumine. E, para outrem vivendo, almas apostolares, É um Proudhon, é um Réclus, é um Pedro Kropotkine!

MARTINS FONTES

PEDAGOGIA LIBERTÁRIA

O problema do aluno indisciplinado

É muito difícil definir o que seja um aluno indisciplinado, visto que o próprio conceito de disciplina é suscetível de interpretações. Se nós lidássemos com seres padronizados, semelhantes nas suas reações e nos seus comportamentos, seria muito fácil conseguir que eles seguissem um conjunto de normas e regulamentos. Contudo, não podemos esquecer que lidamos com indivíduos, isto é, cada aluno é um ser único, com seus impulsos, emoções, sentimentos e inibições próprias, únicas e não podemos nunca padronizá-los numa norma de conduta rígida.

A disciplina deve surgir espontaneamente no aluno, como uma necessidade natural, afim de facilitar o trabalho de conjunto. Nunca deve ser imposta, de fora, por meio da autoridade e do castigo, pois tal disciplina é falsa e deixará de existir assim que cesse a força que a impõe. Compreendido isto, torna-se claro que a disciplina surgirá naturalmente desde que as relações entre professor e aluno sejam satisfatórias.

Quando ao caso dos inadaptados socialmente, desajustados em casa, com características neuróticas e que escolhem a Escola para dar expansão às suas energias recalçadas, o caso é mais sério. Lidar com tais alunos requer uma grande habilidade do professor, uma atitude compreensiva e uma grande capacidade de amor. Geralmente o que falta a esses alunos, em casa, é um pouco de amor e carinho.

A necessidade de afeto é uma das mais fortes características humanas e entre os neuróticos predominam aqueles que anseiam por afeto e aprovação. Muitas vezes, atitudes de simpatia e simples palavras de estímulo e aprovação são necessárias para mudar completamente o comportamento de tais indivíduos e torná-los confiantes em si próprios e, portanto, na humanidade. Podemos citar aqui o caso daquele diretor de uma casa de correção norte-americana para menores, que conseguiu efeitos surpreendentes, abolindo o castigo e tomando como medidas terapêuticas, o amor, a tolerância e o estímulo.

No século atual, com o poder crescente da técnica, tem-se dado valor desmedido à disciplina, à autoridade, à militarização e, como consequência disto, os homens estão cada vez mais se transformando em máquinas padronizadas e perdendo completamente a dignidade e o respeito de si próprios.

Felizmente, a psicologia e psicanálise estão remontando aos velhos estudos da personalidade humana e tentando demonstrar à humanidade quanto é intrincada a psique do homem e como se tem desrespeitado o indivíduo com toda sua carga de aptidões próprias.

É chegado o momento de abandonarmos um pouco a técnica e esquecermos a disciplina, a ordem, a autoridade, a militarização e lembrar-mo-nos de que lidamos com indivíduos, plenos de energia em potencial que poderão desenvolver ao extremo todas as suas capacidades, se nós soubermos dar-lhes meios para isso.

O trabalho é grande e perigoso, mas no final, a satisfação de verificarmos que estamos sendo produtivos trará também, às nossas vidas, um pouco de felicidade.

Nota da Redação: O presente trabalho é a resposta a uma pergunta feita a uma nossa companheira por uma publicação pedagógica da Escola Euvaldo Lodi, do SENAI.

A liberdade de cada um, consagrada como garantia concreta do direito universal, não pode ser senão o resultado de uma federação livre de todas as soberanias individuais. — PEDRO GORI.

.....

A Religião é o processo de subjugar o povo fazendo-o crer num ser onipotente, invisível, dono do Universo, castigador dos maus, premiado dos bons. — JOSÉ OITICICA.

PROUDHON E MARX

De LIBERTO L. REIS

I

O semanário "Novos Rumos", órgão dos comunistas do Brasil, em seu número de 8 a 11 de maio do corrente, no capítulo XI da "História do Movimento Operário", publicou uma crítica a Proudhon e ao anarquismo, baseada no livro de Karl Marx "Miséria da Filosofia". Quem lê o mencionado artigo sem possuir conhecimentos da gênese do socialismo e da história das lutas sociais, poderá aceitá-lo como sendo a expressão da verdade, tal a forma em que foi versado. Começa assim o artigo: "Em sua luta para estabelecer os fundamentos teóricos e a tática do socialismo proletário revolucionário, Marx e Engels, como temos visto, iam ao mesmo tempo ajustando contas com as diferentes concepções não proletárias que então confundiam e prejudicavam o movimento operário. Em 1847 chegou a vez do anarquismo do socialista francês pequeno-burguês Proudhon." Em resumo, eis o que leu Marx no livro de Proudhon "Sistema das Contradições econômicas ou Filosofia da Miséria": que Proudhon considerava a propriedade privada dos meios de produção e a troca de mercadorias como instituições justas, fundamentos imutáveis, eternos de toda e qualquer sociedade; embelezava a pequena propriedade, não preconiza a destruição do capitalismo, mas, pelo contrário, Proudhon prega o aperfeiçoamento, a melhoria do regime capitalista. E assim liquidou Proudhon e o anarquismo.

Marx, realmente, leu o livro de Proudhon com a única intenção de destruí-lo, de acabar com tudo quanto pudesse denunciar a semente de que estavam brotando as suas idéias. Quem lê os dois livros, comparando-os, se ainda não tiver o entendimento ofuscado pelo dogmatismo imposto por qualquer sistema de linha justa, terá forçosamente que chegar a esta conclusão.

Nem é mesmo preciso ler o livro de Proudhon, com suas 649 páginas. A simples leitura do panfleto de Marx, chegará para mostrar que este leu o "Sistema das Contradições Econômicas" pelo avesso. Mais de uma dezena de vezes Marx cita pensamentos de Proudhon e os comenta exatamente como se tivessem o sentido extremamente oposto. Isso sem levar em conta o estilo fêrulo, escarnecedor, procurando a cada passo tornar ridículo o antagonista.

Quem nada mais conhecer sobre as relações entre os dois pensadores socialistas, creará que sempre foram acérrimos inimigos, adversos em suas idéias e lutas.

Como tenho a impressão que o autor do citado artigo se encontra no caso dos que, hoje, apenas conhecem — se é que conhecem — sobre o anarquismo, o livro "Miséria da Filosofia", procurarei lembrar alguns fatos que mostrem até que ponto são capazes de deturpar a verdade os donos da "vanguarda esclarecida do proletariado". Fatos que, aliás, contribuíram, desde o nascimento, para a subdivisão das correntes socialistas, impedindo a eclosão da revolução social, esperada mesmo em dias do século passado, como o denota toda a literatura dessa época.

Marx conheceu Proudhon no inverno de 1844-45, em Paris, com três outros escritores alemães: Karl Grün, Moise Hess e Ewerbeck, que ali foram parar como refugiados, fugindo à perseguição policial em seu país de origem.

Em fins do mesmo ano, Marx, em sua obra "Sagrada Família" consagra a Proudhon nada menos que cinquenta páginas plenas de elogios, saudando o livro deste "Que é a Propriedade?", publicado em 1840, como "o manifesto científico do proletariado francês". Neste livro, cujo título é interrogativo, Proudhon dá a resposta desde as primeiras linhas: "é o roubo".

O livro de Proudhon já havia sido publicado em alemão, embora numa editora restrita. Marx, sendo redator-chefe da "Rheinische Zeitung" (Gazeta do Reno, no n. 289, de 16-10-1842, escrevia o seguinte: "Obras como as de Leroux, Considerant e especialmente o livro perspicaz do senhor Proudhon, não podem ser criticadas com algumas observações superficiais. É preciso estudá-las detidamente antes de as criticar." Nessa época Marx não havia abraçado as idéias socialistas, mas já era jornalista de pena batlhadora, uma das primeiras vozes da oposição liberal.

Foi o livro de Proudhon que converteu Marx ao socialismo. Veja-se o que diz à página 36 da "Sagrada Família": "Todo o desenvolvimento da economia nacional considera a pro-

priedade privada como hipótese inevitável. Esta hipótese constitui para ela um fator incontestável, que nem sequer trata de investigar e à qual se refere acidentalmente, segundo a expressão de Say. Proudhon se propôs analisar de um modo crítico a base da economia nacional, a propriedade privada, e foi a sua a primeira investigação enérgica, considerável e científica ao mesmo tempo. Nisso consiste o notável progresso científico que ele realizou, progresso que revolucionou a economia nacional, criando a possibilidade de fazer dela uma verdadeira ciência. "Que é a Propriedade?", de Proudhon, tem para a economia a mesma importância que a obra de Say "Que é o Terceiro Estado?" teve para a política moderna."

À página 52 da mesma obra lê-se: "Proudhon, não somente escreveu em favor dos proletários, como também é um proletário (Proudhon era tipógrafo), um trabalhador; a sua obra é um manifesto científico do proletariado francês."

As idéias de Proudhon não influenciaram em Marx apenas no domínio do conhecimento econômico mas, também, nas suas idéias e escritos políticos, como provam os seguintes pensamentos, extraídos num artigo publicado no n.º 63, de 7 de agosto de 1844, no "Vorwaerts", periódico que circulou na capital da França nos anos de 1844 e 45 sob a direção de Henrique Berstein. O artigo intitula-se "Anotações Críticas ao Artigo 'O Rei da Prússia e a Reforma Social', em que Marx estuda a natureza do Estado, afirmando apenas isto: "O Estado é incapaz de suprimir a miséria social e acabar com o pauperismo. E, quando se ocupa desses problemas e resolve fazer alguma coisa, não dispõe de outros recursos senão a beneficência pública e as medidas de caráter administrativo. Frequentemente nem isso faz. Nenhum Estado pode proceder de outra forma porque, para suprimir a miséria, deveria começar por suprimir-se, pois que a causa do mal está na essência, na natureza do Estado e não em uma forma determinada dele, como supõem muitos radicais e revolucionários que aspiram modificar a estrutura estatal por outra melhor." E mais adiante: "Além disso, todos os Estados procuram a causa da miséria nos defeitos fortuitos ou intencionais da administração e, consequentemente, julgam ser possível reduzir o mal mediante reformas administrativas. Mas nenhum Estado tem o poder de encobrir a contradição existente entre a boa vontade da administração e a sua capacidade real, porque se assim fôra teria de anular-se a si mesmo, já que se baseia na contradição que reina entre a vida pública e a vida privada, entre os interesses gerais e os particulares. Por isso a administração se acha limitada por uma função essencialmente formal e negativa, pois onde começa a vida civil termina o poder da administração. O Estado não pode impedir jamais as consequências de que brotam logicamente a causa do caráter anti-social da vida civil, a propriedade privada, o comércio, a indústria e a exploração mútua entre os diversos grupos sociais. A baixa e a servidão da sociedade burguesa constituem o fundamento natural do Estado moderno. A existência do Estado e a escravidão do homem são inseparáveis."

Como se vê, idéias puramente anarquistas, em perfeita concordância com (Segue na pág. 3)

INQUIETUDES JUVENIS

Meus companheiros.

Somos como uma luzinha que brilha dentro da escuridão imensa.

Somos como uma janela que se abre quando todas as portas se fecham. Somos jovens e já somos alguém, porque pensamos, porque agimos, porque lutamos.

A palavra sem ação é incompleta, como o ideal sem batalha é inútil.

Falamos, idealizamos, planejamos, mas damos corpo ao nosso ideal, damos forma ao nosso plano, damos ânimo ao nosso trabalho.

Viver é lutar até o fim, até o dia em que as nossas forças terminarem.

Tenhamos em mente, pela existência afora, que o prazer da luta é muito maior do que o da própria conquista.

YARA LEU-SOU

Nota — Trabalho lido na festa de fundação do Grêmio Juvenil do Centro de Cultura Social de S. Paulo.

INTELECTUAIS NO ANARQUISMO

Entrevista com o escritor e sociólogo

HERBERT READ

G. B. — *Quais foram as causas que com maior força te induziram a abraçar o anarquismo?*

H. R. — No meu caso elas foram exclusivamente literárias: William Morris, Edward Carpenter, P. Kropotkin e Max Stirner.

G. B. — *Parece que você conseguiu, de modo feliz, conciliar sua projeção social com a aberta profissão do anarquismo. Poderia expor sinteticamente que dificuldades encontrou e como conseguiu contorná-las?*

H. R. — Esta pergunta conduz a um problema que os anarquistas ainda não analisaram de modo adequado, isto é, a relação precisa entre pensamento e ação, entre existência e essência. Devemos reconhecer que existe uma contradição total entre nosso ideal e a situação (histórica econômica e social) na qual nos encontramos. O problema consiste em: como agir em tal situação. Se mantivermos que, em qualquer circunstância, nossa ação deverá concordar com o nosso pensamento, deveremos então seguir o exemplo de S. Francisco de Assis ou o exemplo dos Dukobores; devemos renunciar à sociedade tal qual existe, com seu conforto material, segurança política e os prazeres culturais e procurarmos qualquer Tebaide (se pudermos encontrar) para viver uma vida consoante os princípios anárquicos. Foi o que fez Thoreau e eu o admiro pela sua coragem. Porém a experiência de Thoreau não foi um sucesso, pois ele teve que retornar à sociedade a que havia renunciado.

PROUDHON E...

(Concl. da 2.ª página)

os conceitos que Proudhon emitiu no seu livro "Que é a Propriedade?"

Por quê, tendo Marx confessado honestamente que o livro de Proudhon era um manifesto científico ("Sagrada Família", "Rheinische Zeitung" e "Vorwaerts"), passou a atacá-lo e difamá-lo depois da publicação do livro "Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria", aparecido em outubro de 1846?

O livro de Marx "Miséria da Filosofia" foi composto no inverno de 1846-47, segundo o prefácio de Engels, sendo publicado pela primeira vez na língua francesa, em Paris, em 1847, no ano seguinte ao da edição do trabalho de Proudhon.

Em 5 de maio de 1846, em carta de Marx a Proudhon, escrita desde Bruxelas, onde se refugiara depois de sua expulsão da França, Marx pede a Proudhon que aceite ser correspondente de um "Kommunistisches Korrespondenzkomitee", cujo objetivo era "pôr os socialistas alemães em contato com os socialistas franceses e ingleses; manter os estrangeiros a par dos movimentos socialistas que se realizam na Alemanha e informar aos alemães, na Alemanha, sobre o progresso do socialismo na França e na Inglaterra", conforme o texto da carta, que prossegue: "Nossas relações com a Inglaterra já estão estabelecidas; quanto à França, cremos todos que não podemos encontrar melhor correspondente que o senhor; o senhor sabe, os ingleses e os alemães lhe prezaram até o presente muito mais que os seus próprios compatriotas." Marx pede a Proudhon que mantenha o mais absoluto segredo e comunica-lhe que não terá despesa nenhuma se aceitar aquela incumbência. Num *post scriptum* Marx diz: "Denuncio-lhe o senhor Grün em Paris. Esse homem não passa de um cavaleiro-de-indústria literário, uma espécie de charlatão que pretende comerciar com idéias modernas. Trata de ocultar sua ignorância sob frases pomposas e arrogantes, mas nada mais conseguiu que se pôr em ridículo por meio de seu palavrorio. Além disso é um homem perigoso. Abusa do conhecimento que estabeleceu com autores de renome, graças à sua impertinência, para fazer construir, com isso, um pedestal e comprometé-los ante o povo alemão. Em seu livro sobre os socialistas franceses atreve-se a chamar-se "privat dozent" de Proudhon, e pretende ter-lhe revelado axiomas importantes da ciência alemã e critica seus escritos. Cuide-se, pois, deste parasita; talvez volte a escrever-lhe mais tarde sobre este indivíduo. Marx." A carta é encerrada com duas notas de cumprimentos de Felipe Gigot e Engels, que estavam com Marx em Bruxelas.

Como se vê, até esta data Marx nada manifestava contra Proudhon, demonstrando, pelo contrário, o seu apreço e confiança.

Admitamos, porém que como Thoreau e os Dukobores nós renunciássemos ao sistema social no qual tínhamos nascido.

O renunciar ao sistema social estabelecido não modificará coisa alguma este sistema e somente alguns excêntricos seguirão à Tebaide do nosso retiro. Ninguém se abalará por nosso quichotismo e ninguém se verá profundamente influenciado. Dirão que somos doidos e posteriormente não se ocuparão de nós.

Devemos proceder, portanto, como os outros e não nos deixarmos guiar pela vaidade ou por uma noção falsa de coerência moral. Devemos tomar posição na estrutura da sociedade existente, tomar parte em sua atividade e nos tornarmos uma unidade funcional para dessa posição realista podermos afirmar o nosso ideal.

Tal ponto de vista é anti-heróico. Quando no drama de Bert Brecht sobre Galileu, o inquisidor grita para o ilustre cientista:

"— Tens as mãos manchadas", Galileu responde: "— Antes manchadas que vazias". Galileu poderia manter-se fiel aos seus princípios e perecer; porém, preferiu viver porque sabia que tinha ainda uma contribuição científica a prestar. Ele compreendeu que a *idéia* é mais importante que a *ação*.

Não tenho intensão de assemelhar-me a Galileu, nem governo algum até o presente ameaçou de me aprisionar. Ao contrário, foi-me permitido desenvolver meus princípios anárquicos numa sociedade em que sou uma unidade funcional. Creio de tal modo haver influenciado um maior número de pessoas para o anarquismo do que se eu exercesse um papel de proscrito social.

G. B. — *Opinas que na arte moderna exista qualquer coisa além do que um reflexo ou uma profissão da renovação dos valores tradicionais da civilização ocidental? e em caso positivo, poderias indicar algum aspecto que tenha para os anarquistas um significado positivo?*

H. R. — Existe, sem dúvida, uma relação direta entre o desenvolvimento da arte moderna e a renovação dos valores tradicionais de nossa civilização. Positivamente a arte é um dos principais agentes de distribuição desses valores. Mas não devemos confundir a situação existencial com a essência estética. Os valores estéticos são eternos e universais. Os anarquistas deveriam acolher de braços abertos a arte moderna porque é uma arte de protesto social. O artista, como afirmou Picasso, é um ser político constantemente cômico do que sucede no mundo.

A pintura é um instrumento de luta. Da mesma forma a poesia. As minhas poesias, se quiserem, são os meus atos de anarquismo; e são muito mais eficazes que as bombas.

G. B. — *Quais são, no teu entender, os sinais e as tendências no mundo atual que presagiam um melhoramento na possibilidade do anarquismo?*

H. R. — Somente a propaganda do ideal anárquico pode melhorar a possibilidade do anarquismo. Existe um número enorme de pessoas, no momento atual que são anarquistas sem sabê-lo. Existem milhões de pessoas sem nenhuma ilusão sobre o Estado e sobre tudo o que ele representa. Uma após outra essas pessoas começarão a denominar-se anarquistas.

G. B. — *Quais os pensadores que mais contribuíram para reforçar o ponto de vista anarquista nos últimos quarenta anos?*

H. R. — Gandhi, Camillo Berneri, Friederick Georg Jünger, Silone, Albert Camus, Vinoba e Pasternak.

G. B. — *Que gênero de atividade os anarquistas de hoje deveriam preferir cultivar para melhor promover o seu ideal?*

H. R. — Sucede um grande trabalho de pensamento e investigação para que os ideais anárquicos se tornem verdadeiramente modernos. A antropologia, a psicologia social, a experiência comunitária nas várias partes do mundo, a falência marciana dos sistemas totalitários de governo, são matérias que esperam ser examinadas à luz dos princípios anarquistas. Necessitamos de obras literárias (drama, romance, novela) que ilustrem num sentido humano, mas não de propaganda, os valores que sustentam a concepção libertária da vida. O campo é riquíssimo, mas necessitamos de artistas e pensadores que o saibam trabalhar.

Ação Direta

Notas Administrativas

Continuando a registrar as importâncias recebidas pela administração e destinadas ao jornal, mencionamos a seguir diversas que não puderam ser incluídas na relação do último número:

Lista do Rio — Diamantino, 100,00; Corrêa de B. Roxo, 50,00; Lopes, 50,00; Grupo José Otílica, 700,00; Carlos Neves, 50,00; Lizenko, 200,00; Anônimo, 50,00; O. Ignachit, 100,00; J. Cipriano, 100,00; Sidenko, 90,00; Jon Ron, 800,00; A. Luz, 100,00; P. F. da S., 250,00; A. Pessagno, 100,00; Odoni Fulin, 30,00; A. Duarte, 20,00; Botino, 200,00; Ipê, 210,00. Total Cr\$ 3.200,00.

Lista de S. Paulo — Em Maio: Vários companheiros do C.C.S., 390,00; Um companheiro, 50,00; Nilo, 50,00 (Set.); Virgílio, 50,00 (Out.). Números avulsos, 60,00 (Maio); 75,00 (Junho); 40,00 (Agosto); 40,00 (Set.); 59,00 (Out.); 227,00 (Nov.); 130,00 (Dez.) — Total: 1.171,00.

Lista de S. Paulo (1959) — Pedrinho, 50,00; Rocha, 50,00; Rodrigues, 30,00; Virg. 50,00; Salv., 50,00; Genar., 15,00; Breno, 300,00; Piroc., 50,00; Números avulsos, 285,00 — Total: 880,00 (em Janeiro).

Virgílio, 100,00; A. D., 383,00; números avulsos, 150,00. Total 633,00 (em Fevereiro).

Dionizio, 1.000,00; Janot, 50,00; Gum., 100,00; Rodrigues, 20,00; Manolo (Santos), 300,00; números avulsos, 49,00; pacoteiros, 1.222,00. — Total: 2.741,00 (Março).

Há contribuições após a organização desta relação, que figurarão na próxima. Nas contribuições de elementos de S. Paulo há a registrar as importâncias correspondentes a despesas com a confecção de clichês, transporte, despachos do jornal para o Rio, o que será feito oportunamente.

Por um erro tipográfico, contribuição de F. P. da S., aparecida na relação do número 132 merece retificação: a contribuição foi de 750,00 e não de 150,00.

Importante — Não se esqueçam os companheiros e leitores de AÇÃO DIRETA de que a sua publicação depende da contribuição econômica daqueles que julgam necessária a sua obra.

INTERNACIONAL DOS REFRAATÓRIOS À GUERRA

Durante os últimos cinco anos, novas seções da Internacional dos Refratários à Guerra iniciaram suas atividades na Indonésia, Finlândia, Nigéria, Chile e Índia.

Recentemente, uma organização pacifista já estabelecida na Holanda, filiou-se à I.R.G.

Como resultado dos esforços do S. Enio Cardoso, do Rio de Janeiro, vinte brasileiros inscreveram-se na I.R.G. em 1958, e quarenta novos contactos foram estabelecidos.

Isto faz-nos admitir que, se houver suficiente material de propaganda da I.R.G. disponível em língua portuguesa, estaremos, no futuro, capacitados para estabelecer uma Seção da I.R.G. em seu País, pronta para trabalhar por uma sociedade mais pacífica, que todos sentimos ser essencial.

Com este fim em vista, tenho o prazer de anunciar a nomeação do sr. Loris Sidenco, Caixa Postal 787, Ponta Grossa, Paraná, como nosso Agente Financeiro, autorizado a receber contribuições para a I.R.G.

Agora, as contribuições recebidas não serão usadas para as atividades da I.R.G. fora do Brasil, mas unicamente para o propósito de conseguir suficiente apoio para o estabelecimento de uma ativa Seção. Como diz o sr. Cardoso: "Nós não queremos ter uma organização meramente simbólica da I.R.G. Queremos uma Seção própria, realmente trabalhando pela Paz!"

É o senhor capaz de ajudar-nos financeiramente para realizarmos nossa obra? Em caso afirmativo, qualquer importância que o senhor possa dar, será prazerosamente recebida pelo sr. Loris Sidenco, que nos informará de sua generosidade. Sinceramente, — Arlo Tatum — Secretário Geral.

Contribuições para: Loris Sidenco, Caixa Postal 787, Ponta Grossa.

CONGRESSO ANARQUISTA INTERNACIONAL

Complementando o relato aparecido no número 132, publicamos neste número de AÇÃO DIRETA alguns dos importantes acordos do Congresso Internacional Anarquista, que se reuniu em Londres em julho do ano passado. Nesse Congresso, além de se reafirmar a orientação seguida pelos anarquistas no passado foram tomadas importantes deliberações de referência à atualização dos métodos de propaganda, tendo em vista as modernas tendências políticas dos Estados em todo mundo. A leitura dessas deliberações é de grande importância para todos os que militam em nosso movimento.

"A Internacional Anarquista conta, como base real de existência, com a vontade e a atividade internacionalista dos anarquistas, afirmadas em Amsterdan em 1907 e reafirmadas desde então em repetidas ocasiões.

"Seu organismo temporário de expressão é o Congresso Internacional Anarquista, realizado mediante a participação de todo o movimento e o mais regularmente possível, cujas funções são de relações, informação e coordenação (coordenar — indicam os delegados do G.A.A.R.P., significa ajudar nos trabalhos e não decidir o que se deve fazer).

"Nos intervalos dos Congressos, a preparação do Congresso seguinte e a coordenação dos serviços internacionais — de acordo com as diretrizes do Congresso — serão garantidas por um organismo que toma a denominação: Comissão Internacional Anarquista (CIA).

"A CIA se compõe de um secretário e dois membros participantes. O secretário residirá em lugar designado pelo Congresso e agirá com os militantes da localidade. Manter-se-á em contacto com os serviços internacionais auxiliares, que, desta forma, poderão descentralizar-se. Os membros participantes da CIA se designarão (segundo uma lista estabelecida pelo Congresso indicando grupos e países mandatários) por seus respectivos movimentos, em cujo seio continuarão militando.

"O Congresso recomenda aos anarquistas de todos os países, e em particular aos companheiros que se ocupam das relações através das fronteiras políticas e linguísticas, a necessidade do intercâmbio, sempre que se torne possível, de informações especializadas acerca dos seguintes problemas:

- 1 — Problemas da juventude, sempre que possível tratados pelos próprios jovens: antimilitarismo, defesa da objeção de consciência etc.
- 2 — Problemas da educação, para uso dos membros do ensino, dos pais e muito especialmente das mulheres, tratados pelos próprios interessados.
- 3 — Problemas da vida sexual e da natalidade: maternidade consciente.
- 4 — Problemas da livre expressão artística, literária e científica: defesa da cultura livre contra o totalitarismo e contra a corrupção capitalista.
- 5 — Problemas agrários e busca de

uma técnica agrícola que garanta aos camponeses um máximo de autonomia econômica vis a vis do Estado e da plutocracia.

- 6 — Problemas operários e industriais.
- 7 — Problemas das comunidades e do novo artesanato.
- 8 — Problemas da nova classe média.
- 9 — Problemas religiosos e desenvolvimento de uma atividade de desintoxicação mística com bases humanistas: renovação do pensamento livre.
- 10 — Problemas raciais e coloniais.

"É evidente que certos países contam já com uma literatura, uma experiência e uns métodos de experimentação que parcialmente faltam em outros; e o intercâmbio de material e de colaboração podem impulsionar uma atividade mais concreta e dar lugar a uma intervenção mais eficiente do anarquismo na vida social, cooperando no sentido da renovação, do desenvolvimento e extensão de nossas idéias."

"Os grupos e organizações firmantes se comprometem, por intermédio de seus delegados ao Congresso:

1 — A proporcionar internacionalmente uma contribuição de, no mínimo, duas páginas datilografadas com referências aos respectivos grupos e países. Este material será remetido à C.R.I.A. ou ao organismo que a substitua;

2 — A transmitir sem atraso as notícias recolhidas por cada movimento e que tenham carácter de urgência. Serão enviadas diretamente aos outros grupos e organizações aderentes ao presente acordo;

3 — A enviar aos órgãos de imprensa cópias dos mais importantes artigos doutrinários ou de atualidade, para serem reproduzidos simultaneamente em várias línguas, segundo as possibilidades dos diversos órgãos.

Aderem ao pacto todas as delegações presentes ao Congresso, salvo o GAAR e a Liga Libertária de New York, que se considerarão como aderentes se dentro do prazo de quatro meses não recusarem o PACTO. Eis aqui as delegações que firmaram o presente acordo: Alemanha, Inglaterra, Argentina (R.I.A.), Bélgica, Bulgária, Chile, Espanha (no exílio), França, Holanda, Itália e Suécia. Todas sem restrições.

O Pacto fica aberto a todos os não participantes do Congresso.

Publicações Libertárias

CUADERNILLOS INQUIETUD — (Cassilla 20 — Tupiza — BOLÍVIA). Publicação periódica em forma de folheto, que vem, de modo eficaz, difundindo as idéias libertárias na Bolívia. Destacamos os seguintes estudos já publicados: "Páginas Escolhidas", de R. Barret; "Fogo Poético", de León Felipe; "O Apoio Mútuo", de Kropotkin; "Nem verdugos nem Vítimas", de Albert Camus.

C. N. T. — Porta-voz da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha no Exílio — (4, rue Belfort, Toulouse (Haute — Garonne)). É um semanário de muito boa apresentação gráfica e que se destaca pelo noticiário internacional, de colaboradores correspondentes.

EL LIBERTARIO — Órgão Oficial da Associação Libertária de Cuba — (Jesus Maria 310 — altos. — Habana. CUBA). Excelente mensário que após o triunfo da revolução cubana, reaparece em sua segunda fase. Destacamos do número de março o artigo intitulado: "Que é a reforma agrária?" — Periódico inteligentemente confeccionado e que deverá ter fecunda e duradoura existência.

A. I. T. — Órgão da Associação Internacional dos Trabalhadores — (4, rue Belfort — Toulouse (H. G.)). Recebemos o último número dessa importante publicação mensal, que consta de 10 páginas, publicada em francês e castelhano, com notável apresentação gráfica e excelente colaboração dou-

trinária e informativa. O jornal transcreveu o artigo de "Ação Direta" sobre o petróleo.

ORGANIZACION OBRERA — Órgão da Federação Obreira Regional Argentina — 5.º Congresso (Av. Juan de Garay 2371 — Buenos Aires — Argentina). Mensário que interpreta as correntes mais puras do sindicalismo argentino.

AÇÃO DIRETA

Diretor: EDGARD LEUENROTH
Administrador: IDEAL PERES

A publicação de "Ação Direta" está confiada à comissão de quatro companheiros nomeados em reunião plenária, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada a IDEAL PERES, para a Caixa Postal 1 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Em São Paulo há uma comissão encarregada do trabalho de arrecadação de recursos, colaboração e da divulgação do jornal.

AÇÃO DIRETA

ANO 14 — N.º 136 — OUTUBRO DE 1959

Sòmente o povo poderá resolver a crise do momento

É assoberbante a vida geral do País, por qualquer ângulo que se a encare, por qualquer aspecto que seja examinada.

Os acontecimentos se sucedem, se tumultuam, despertando tôdas as atenções, empolgando todos os ambientes.

E tudo isso por quê? A resposta é simples e não podendo ser outra: são os sintomas evidentes, chocantes da derrocada de um regime cuja desorganização se processa numa progressão cada vez mais rápida e incontrolada.

A crise já não atinge apenas este ou aquele setor da coletividade brasileira; já não corresponde a determinado ramo da produção; não afeta mais unicamente a uma parte da população que vive apenas de seu trabalho. Tudo está em crise. A desorganização se generaliza, transformando-se em crise econômico-financeira, apresentando um espetáculo edificante: enriquecendo tôda minoria dominante da sociedade — na governança, na política profissional, na administração pública, e dos manejadores da lavoura, do comércio e da indústria — por meio de negociações, do suborno, do câmbio-negro, do contrabando, do assambarcamento das utilidades. E, ao mesmo tempo, o agravamento, incessante, sem limites, da miséria que já assoberbava o povo trabalhador, atormentado numa crua luta para sobreviver.

Por mais aumentos que venham conseguindo em seus salários, não podem os trabalhadores acompanhar o aumento assustador dos preços das utilidades.

E, agora, surge outra modalidade de exploração: a sonegação dos gêneros de alimentação, que, processando-se periodicamente como recurso para aumento dos preços, generaliza-se, torna-se total, sistematizada.

Os elementos essenciais da alimentação, os gêneros mais usados na mesa da população trabalhadora, desaparecem do mercado, por meio do assambarcamento, da sonegação.

Uma pergunta inevitável de todos aqueles que ainda têm um pouco de senso comum: como podem viver os trabalhadores sujeitos a tão negra situação, mesmo aqueles que ganham o salário mínimo? E os que nem isso ganham?

É, de fato, o domínio da miséria.

As queixas são gerais, já se manifestam protestos, comícios e manifestações são realizadas e, aqui e ali, assaltos para a obtenção de alimentos são noticiados.

E que providências tomam os senhores da situação? Constituem comissões, que, de positivo, às vezes, realizam reuniões para autorizar o aumento dos preços de gêneros de alimentação!

Mas que se pode esperar de bom, de acertado da parte de quem não tem interesse de mudar de proceder?

Quanto ao povo, é ingenuidade esperar que os elementos da

classe que vive da exploração de seu trabalho procedam com o intuito de melhorar a sua situação.

A melhoria da situação do povo sòmente poderá ser conseguida pelo seu próprio esforço, pela sua própria ação, agindo diretamente.

De que maneira? Quem prepara os campos, quem semeia, quem faz a colheita, quem beneficia, quem ensaca, quem transporta, por meio de todos os tipos de veículos, quem armazena, quem conduz para os mercados, armazéns e feiras — os gêneros destinados à alimentação do povo?

O trabalhador. Sòmente o trabalhador.

E quem negocia esses gêneros, estabelecendo seus preços, para receber todos os lucros negociando todos esses produtos?

Não é o trabalhador. São aqueles que o exploram no trabalho, na industrialização e no comércio daquilo que é o produto exclusivo do esforço de quem trabalha.

É uma situação ilógica, injusta, desumana. E, como agravante inominável: é o próprio trabalhador que deve executar todos os trabalhos para esconder os produtos assambarcados,

produtos que êle, trabalhador, produz e deve comprar para sua manutenção!

E que podem fazer os trabalhadores em face de tão tormentosa situação?

É simples: agirem em seu proveito e não em favor dos assambarcadores. Como? Não é o trabalhador que executa todos os trabalhos acima mencionados para haver produtos destinados à alimentação pública?

Pois, então, não é do mais comezinho direito que esses produtos se destinem à alimentação do povo trabalhador?

Meio eficiente, de resultado positivo e imediato para por em prática esse direito: todos os gêneros, de qualquer natureza, em vez de serem transportados pelos trabalhadores para os armazéns dos assambarcadores, serem levados para as cooperativas de bairros, de quarteirões, de ruas, organizadas, geridas, orientadas, administradas pelas organizações sindicais e populares no sentido do abastecimento racional, justo humano da população laboriosa.

Sòmente assim, agindo diretamente, com objetivos solidaristas será resolvido o problema do abastecimento normal da população.

A LUTA DOS ANARQUISTAS

Nós, os anarquistas, combatemos as instituições que sejam inúteis e nocivas à sociedade. Nosso mais ardente desejo é que os trabalhadores saibam quem são seus verdadeiros inimigos, e estes são todos os que consomem sem nada produzir. Consideramos que da mesma forma que o ar e o sol são para todos, assim também deve ser a terra e todos os produtos industriais e agrícolas, que as invenções dos homens de ciência devem ser usadas para benefício de todos, e, por isso, lutamos por uma sociedade anarquista. E que é a anarquia? — A anarquia é a ordem sem governo. Afirmamos que o anarquismo será o desenvolvimento e a plenitude da cooperação universal e do apoio mútuo necessário para que os homens possam alcançar o máximo de bem-estar possível para todos.

Dizemos que, quando seja eliminada a exploração do homem pelo homem e a educação seja integral, o crime pertencerá ao passado, porque a maior parte dos crimes são devidos à miséria e a ignorância produzidas pelo monopólio das riquezas obtidas pela astúcia ou pela força de uma minoria de parasitas. Os anarquistas querem uma sociedade onde não haja quem mande nem quem obedeça, quem explore e quem seja explorado; uma sociedade onde não seja possível a existência de "favelas" e ao mesmo tempo de centenas de apartamentos vazios porque seus "proprietários", que não os construíram, impedem, pela força, que os produtores vivam e desfrutem com dignidade o produto de seu trabalho.

OS LEITORES OPINAM

Recebi os livros "Provas da Inexistência de Deus" e "Cooperativas sem lucros". Agradeço-lhe a remessa. Já li o primeiro e vou relê-lo. Obra digna de ser difundida posto que verdadeiro ariete a demolir velhos e sedícios tabus. Verdadeiro fogo na roupa! Deven editar todos os livros dêsse renomado autor. — P. Antonio (BIRIGUI).

Considero a poesia "Ode ao ventre" autêntico grito de repulsa à cretinização da casta dirigente que anda de Cadillac último tipo, faz turismo em Nice e New York com os dólares de N. Rockefeller e se dá ao luxo de ter fi-

lhos transviados — papel carbono dos americanos play-boys que dão gritinhos histéricos o som do rock-and-roll, andam de lambreta, tomam cocaína e são os chamados "homens de amanhã". — P. Santiago e Souza (Casa Prêta).

"Fátima" é um monumento de tôda história do conto do vigário e, além do mais, de como se iniciou a "fabricação" dos vigaristas... Sua leitura é cativante. A prosa de Tomaz da Fonseca é bela e à medida que se vai lendo mais se quer ler, porque a leitura de seus livros conforta e anima o pensamento. — A. Luiz Cardoso (Ibiuna).

É FÁCIL ENCONTRAR O CAMINHO DA FELICIDADE

De SOUZA PASSOS

São de tal clareza e simplicidade as proposições do anarquismo quanto à organização da vida em comum, que nos parece absurdo o fato de haver quem fique indiferente à solução de um problema tão profundamente humano como é o caminho da felicidade! Afinal, o que pretendem os anarquistas? O que se propõe o Anarquismo? A esta coisa simples e com a qual todos estão de acordo: dar a todos, homens, mulheres, crianças, sem distinção de côr, sexo, classe ou nacionalidade, as possibilidades de viverem decentemente; integrar os indivíduos na posse de suas faculdades criadoras e fazê-los participar livremente, sem restrições de qualquer espécie, dos benefícios da riqueza social no grande banquete da vida.

E como pretendem os anarquistas conseguir esse milagre de organização capaz de satisfazer tôdas as necessidades e todos os desejos? Precisamente por que não consideram isso um milagre, mas uma realidade concreta, o resultado de uma organização social da qual desapareceram as causas que impediram, até hoje, aos desherdados da fortuna, o acesso à mesa do banquete.

Essas causas que à primeira vista parecem muitas e difíceis de eliminar, no fim de contas ficam reduzidas a uma só: o dinheiro. Sem dinheiro não há propriedade; sem propriedade não há Estado; sem Estado não há exércitos; sem exércitos não há guerras, sem guerras haverá paz e harmonia entre os homens e a humanidade poderá, então, caminhar em linha reta à conquista do seu verdadeiro destino, que é ser feliz!

Com o desaparecimento do Estado, que se torna inútil por não ter mais o que guardar ou proteger, desaparecem também as classes parasitárias que hoje, na sociedade capitalista, existem em função do próprio Estado e constituem peso morto na economia coletiva, porque não produzem e consomem, tais como: Exércitos, marinha de guerra, aviação militar, funcionalismo da burocracia administrativa, casas de congresso, prisões, polícias, juízes e serventários da justiça, etc. São muitos milhões de pessoas que a sociedade tem de vestir, calçar, alimentar, dar-lhes moradia, conforto, luxo, e cujo trabalho é improdutivo e até pernicioso. O elemento humano que forma essas classes parasitárias será naturalmente aproveitado, de acordo com as suas capacidades e aptidões, em elemento de trabalho produtivo.

Falamos apenas do elemento humano ligado às funções do Estado. Vejamos agora, como consequência lógica da não existência do dinheiro, outras classes igualmente parasitárias que terão de passar por uma transformação radical: Bancos e bancários, advogados, casas de jogo profissional, prostituição, fábricas de armamentos e munições, casas de montepio, companhias de seguros, companhias imobiliárias, escritórios despachantes, etc., etc.

Acreditamos não errar se dissermos que, aproveitado esse material humano em trabalho produtivo, bastariam quatro ou cinco horas por dia de trabalho para cada indivíduo em uma sociedade anárquica para se viver com abundância e conforto. E como não haveria preocupações financeiras, todos poderiam dedicar as horas restantes aos esportes, às artes, à cultura, ao aperfeiçoamento da personalidade, além das horas destinadas ao repouso e alimentação.

Falando na conversão do elemento parasitário em elemento produtivo, pode parecer, à primeira vista, que os anarquistas pretendem nivelar as classes, isto é, que numa sociedade anárquica, onde não haja ricos nem pobres, todos deverão ser pobres, fazendo descer os que hoje vivem na opulência até o nível dos que vivem na miséria. Ao contrário, o que os anarquistas querem é que os que agora vivem na miséria subam até ao nível daqueles que, por uma fatalidade econômica, desfrutam os benefícios da civilização. Que todos tenham igual oportunidade para se desenvolver e aperfeiçoar; que o caminho da glória e do triunfo esteja aberto e desimpedido para todos os que, pela inteligência, abnegação, cultura, amor e trabalho, possam e queiram conquistar o prêmio a que façam jus por suas capacidades criadoras. Escrever um livro, pintar um quadro, executar numeros musicais, fabricar uma agulha ou um relógio, são trabalhos produtivos, como construir uma casa, plantar batatas ou amassar pão. É claro que aquele que tiver capacidade para escrever um livro não precisará plantar batatas; mas

também não se pode impedir que um plantador de batatas chegue a escrever um livro, se a sua inteligência e capacidade criadora o ajudar. A arte, a ciência, a filosofia, a matemática, a engenharia, a medicina, o teatro, a música, a literatura e a poesia são vastos campos de exploração para a inteligência do homem livre!

Na sociedade atual o dinheiro se transforma no velocino de ouro da tragédia grega. Gastar dinheiro constitui a suprema ambição de todos, porque isso representa a maneira de vencer e triunfar na vida. E para ganhar dinheiro o homem percorre uma vasta senda de misérias, crimes, indignidades, bajulações e imoralidades.

Em uma sociedade de homens livres, onde todos tenham igual oportunidade para conseguir os meios de triunfar e vencer, como o dinheiro não pode mais servir de veículo ao sucesso, cada qual procurará impôr-se pelo talento, pela inteligência e pela sabedoria. E automaticamente, desaparecidas as causas da miséria, da corrupção e do parasitismo social, os efeitos se farão sentir na prática dos sentimentos de solidariedade, igualdade e fraternidade, tendo como cenário um ambiente de completa liberdade.

Imagine-se uma sociedade assim, dispondo livremente do vasto patrimônio científico, artístico, moral e econômico que formam a riqueza social, produto do trabalho das coletividades; não tendo pela frente o temor das guerras, que não mais se justificarão; vivendo em paz e asseguradas as perspectivas de um futuro não mais incerto, mas alicerçado em bases sólidas e fundamentos concretos da abundância e conforto para todos os seres humanos, e encontraremos o Mundo Novo que os anarquistas propõem, não como quimera ou sonho, mas como realidade acessível a serviço da humanidade.

Nós apenas falamos na conversão do material humano atualmente improdutivo e parasitário. Vejamos agora as consequências de uma transformação necessariamente imposta pela eliminação do princípio de autoridade com o desaparecimento do Estado; pela abolição do dinheiro e de tôdas as formas de compra e venda; de corrupção e suborno; os edifícios governamentais de todos os ministérios, secretarias, delegacias, quartéis e escolas militares; móveis e maquinários, indústrias de guerra, institutos técnicos de pesquisas bélicas, tôda essa enorme riqueza material transformada e posta a serviço da coletividade, representaria um patrimônio equivalente à metade do esforço de produção dos povos na economia coletiva. Só os gastos que hoje dispendem as grandes potências nas experiências com os satélites artificiais e armamentos nucleares, que não têm outra finalidade senão a de manter acesa a fogueira da destruição e alimentar a guerra de nervos desencadeada pelas duas tendências políticas que disputam o domínio do mundo, bastariam para fazer a humanidade feliz e dar conforto a todos.

A isso é que se propõe o anarquismo: criar um mundo livre, de homens e mulheres livres, de crianças filhas do amor e consideradas como continuadoras da perpetuação da espécie, vivendo em um ambiente de carinho e dedicação, uma sociedade, enfim, de povos irmanados pelos mesmos sentimentos de bondade e cooperação, onde haja lar para todos, pão para todos, liberdade e segurança para todos.

É por isso que dizemos: desaparecidas as causas que tornam os povos infelizes e desgraçados, é fácil o caminho da felicidade!

GRÊMIO JUVENIL

Como mais um desdobramento de sua atividade, o Centro de Cultura Social de S. Paulo está empenhado a também interessar a juventude na obra de cultura para a qual foi fundado.

Com esse intuito, está empenhado em tornar efetiva a existência do Grêmio Juvenil, para reunir os jovens das famílias de seus associados e de outros que possam ser atraídos para a consecução dessa finalidade.

Tornando prática tão útil iniciativa, já têm sido realizadas, na sede da rua Rubino de Oliveira, 85, no bairro do Brás da capital bandeirante, interessantes reuniões litero-recreativas, com resultados satisfatórios.